

EXERCÍCIOS CURSO AVANÇADO ÖVNINGAR FORTSÄTTNINGSKURS

F66

Läs - Översätt

NATIONELLT PROV - del 4

O homem estava junto ao posto de gasolina, rodeado de chuva. Por trás dele ficava Porto, perdido num nevoeiro pesado.

Parei para abastecer e logo veio até mim, calmo e com dignidade, a pedir-me boleia para Lisboa. Tinha perdido o comboio por uma lamentável confusão e, mais grave ainda, necessitava de estar lá em baixo nessa mesma tarde devido a compromissos inadiáveis. Era um indivíduo alto e magro, rosto pequeno e óculos fumados. Vestia uma gabardina de bom corte, camisa engomada como já não se usa e tinha um alfinete de pérola na gravata. «Queira desculpar o abuso», murmurou ele quando lhe dei lugar ao meu lado.

Pelo caminho falou-me de Porto. Não havia dúvida: por trás daqueles óculos escuros, o homem falava com clareza. E isso num português respeitoso, falando de si próprio como bom companheiro de viagem que procura aliviar a monotonia da chuva e da distância.

Chuva que, por alturas de Coimbra, parou de repente por grande azar meu. Porque, cansado da companhia e do discurso, pisei a fundo o acelerador e logo numa curva traiçoeira me saltou ao caminho o diabo em figura de polícia de trânsito com o olho maligno de castigador. Carta apreendida logo ali em nome da lei, que persegue os infelizes de quatro rodas, e esferográfica afiada para apontar os termos da devida transgressão.

Aí o meu companheiro, movido por um enorme impulso de solidariedade, saltou do carro e veio na minha defesa. Com dramatismo e boa língua portuguesa apelou à boa vontade do senhor agente, lembrando urgências, lembrando nervosismos que o mau tempo causa em cada um de nós, e o guarda a acenar que sim, e a preencher a multa com a soberania de quem está por cima das almas e das tempestades. Mas o meu advogado não desistia. Enquanto o polícia escreveu, e mesmo depois de o ter visto recolher a minha carta de condução e o meu certifica-

EXERCÍCIOS CURSO AVANÇADO ÖVNINGAR FORTSÄTTNINGSKURS

F66

Läs - Översätt

do de registo, continuou a falar num entusiasmo de gestos e palavras, agarrou-lhe o braço para o despertar, mas foi rejeitado, abordou-o de novo e foi novamente rejeitado, até que acabou por receber ordem para prosseguir imediatamente a sua viagem, antes de a autoridade perder a paciência.

«É bem verdade. A polícia só ouve a voz da consciência quando lhe falamos de cima ou com uma nota na mão», disse o meu companheiro assim que arrancámos dali para fora.

«Perdoe-me, mas o senhor é militar?»

«Militar, eu? Não sou.»

«Nem pertence à magistratura?»

«Não. À magistratura também não.»

«Curioso», disse eu depois. «Quando o senhor chegou à estação de serviço pareceu-me um inspetor da Judiciária que andou comigo na tropa.»

«Não. Da Polícia Judiciária também nunca fui e nem sequer fiz a tropa. Felizmente.»

Deixei-o à entrada de Lisboa, ali para os lados dos Olivais. Chovia outra vez, mas agora mansinho. Ao despedir-se cobriu-se outra vez com os óculos escuros e, já fora do carro, entregou-me um molho de papéis que tirou do bolso da gabardina. Papéis? Olhei e não acreditei: acabavam de me vir parar às mãos a minha carta de condução e o bloco de todas as multas do guarda. E agora?

Levantei os olhos para o retrovisor, mas o meu companheiro de aventura já estava longe. Era apenas uma sombra a perder-se na chuva miudinha.